

Espaço Europe Direct

NOVA GUERRA FRIA

Comercial ou tecnológica?

O papel da Europa na era digital

Artigo de Opinião

A União Europeia chega a 2019 como um dos principais blocos de poder no mundo. Ao fim de 62 anos de história, este bloco é composto por 28 estados membros (sendo que o Reino Unido ainda não abandonou o projeto!).

A influência da União Europeia no mundo advém, não só do seu gigante mercado consumidor (mais de 500 milhões de habitantes), mas também pela sua moeda, a segunda mais forte do mundo, e o seu PIB, de cerca de 15 300 mil milhões de euros, em 2017. Ainda que este bloco represente apenas 6,9% da população mundial, representou, em 2017, 15,6% das importações e exportações do mundo.

Estes dados demonstram a importância da UE no contexto mundial. Todavia, com a revolução tecnológica e o surgimento de novas potências económicas, políticas e militares, o nosso bloco enfrenta novos desafios. O mundo não é o mesmo do pós - segunda guerra mundial, quando a integração europeia começou.

Emergiram, entretanto, potências no Oriente, nomeadamente, a China, e a URSS desmoronou, na década de 90 do século passado.

Com a chegada de Donald Trump à presidência dos EUA, estes factos ficaram ainda mais evidentes. O inimigo do ocidente deixou de ser a Rússia e passou a ser a China, que, apesar do seu elevado crescimento económico, começa a ser portadora de tecnologia de ponta e a controladora de grandes investimentos no ocidente. Com o declarar de guerra da Casa Branca a Pequim, a UE tem também um papel importante nesta disputa, especialmente, pelo seu grande mercado consumidor. Contudo, esse papel fica limitado a isso mesmo;

A União Europeia é acusada constantemente de reagir aos acontecimentos, em vez de os conseguir prever, não limitando, assim, o seu impacto nos consumidores e empresas do bloco.

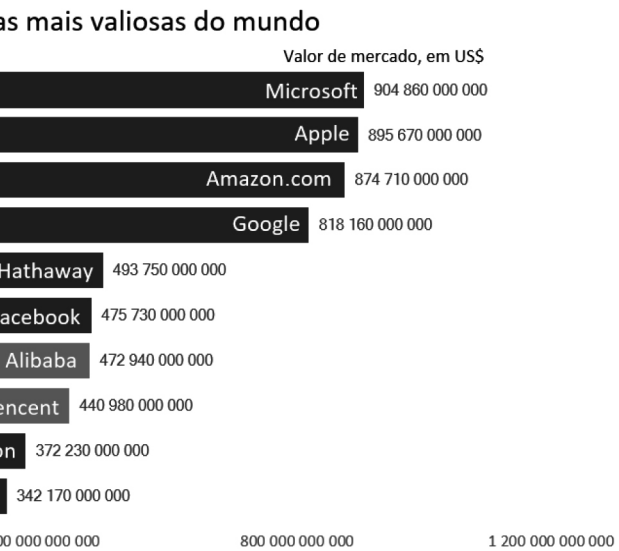
Esta limitação parece acontecer pela falta de players gigantes no setor tecnológico.

Olhando para as dez empresas mais valiosas do mundo, constatamos que oito são norte-americanas e as restantes duas são chinesas. Nenhuma delas é europeia.

O sector tecnológico é o mais relevante, uma vez que, entre as 4 maiores empresas do mundo, 3 delas pertencem ao referido setor. É incontestável a influência que este setor tem na economia atual, com a sua forte capacidade de gerar valor acrescentado e riqueza, mas não só. Vivemos na era dos dados, onde a informação tem muito valor e empresas como a Alphabet, Facebook e Huawei têm feito notícia com casos de manipulação de eleições, tratamento indevido de dados e espionagem industrial. A guerra das tarifas, imposta por Trump à China, ganhou agora uma força muito maior, após a proibição de negociação com um conjunto significativo de empresas chinesas(nomeadamente, com a Huawei) por parte das empresas norte-americanas, tanto de hardware, como de software. A Casa Branca tenta a todo o custo impedir o crescimento dos gigantes chineses no mercado ocidental, alegando a segurança nacional como motivo destas ações. Existe o medo que as empresas chinesas, com a implementação das redes 5G pelo mundo, estejam a trabalhar para o governo comunista da China, de modo a conseguir vigiar os seus parceiros comerciais, como, de certo modo, já faz no seu país (a liberdade na China não existe e o partido único domina a sociedade).

A UE tem de estar particularmente atenta a esta batalha. Até ao momento, a Europa tem resistido e tomou uma postura neutra nesta batalha, apesar das pressões dos EUA para expulsão das empresas chinesas.

Esta ação é, de algum modo, preocupante, sobre o estado de influência da União Europeia. É sabido que as empresas tecnológicas norte-americanas partilham os dados dos seus utilizadores com a NSA (inclui governos europeus). Com o surgimento de suspeitas idênticas, em relação às empresas chinesas e ao seu governo, a UE terá de tomar medidas, de forma a proteger os seus utilizadores do controlo de informação por parte de países estrangeiros. Quem conseguir ter acesso a estas enormes bases de dados, pode aumentar o seu poder de influência, quer nas decisões de consumo, quer nas decisões políticas das pessoas. A ausência de grandes players europeus neste setor pode muito bem ser a justificação para um certo afastamento da UE nesta guerra.



O bloco não pode ignorar o que está a acontecer no mundo, e seria muito importante perceber o que aconteceu ao longo das últimas décadas, para que a maior economia do mundo, a União Europeia, não tenha empresas tecnológicas grandes o suficiente, para que os consumidores e estados europeus não estejam dependentes de empresas estrangeiras, cujas relações não são as melhores no momento. Concluindo, é assim evidente que não estamos perante uma simples guerra comercial. Podemos mesmo dizer que o ajuste de forças no globo está a conduzir a uma nova guerra fria, com a China e os EUA a serem os seus principais atores. A UE, como potência económica e política, não pode, nem deve, ficar refém destes atores.

É urgente a necessidade de encontrar soluções internas, por forma a garantir que a Europa continue a ser um espaço de liberdade, democracia e independência.

Quer comentar este artigo?
Escreva para: europe-direct-aveiro@aeva.eu



Tiago Almeida, Gonçalo Vieira, Fábio Lopes
Alunos da Licenciatura em Economia, DEGEIT-UA